

caderno de  
educação

ilê aiyê  
projeto de extensão pedagógica

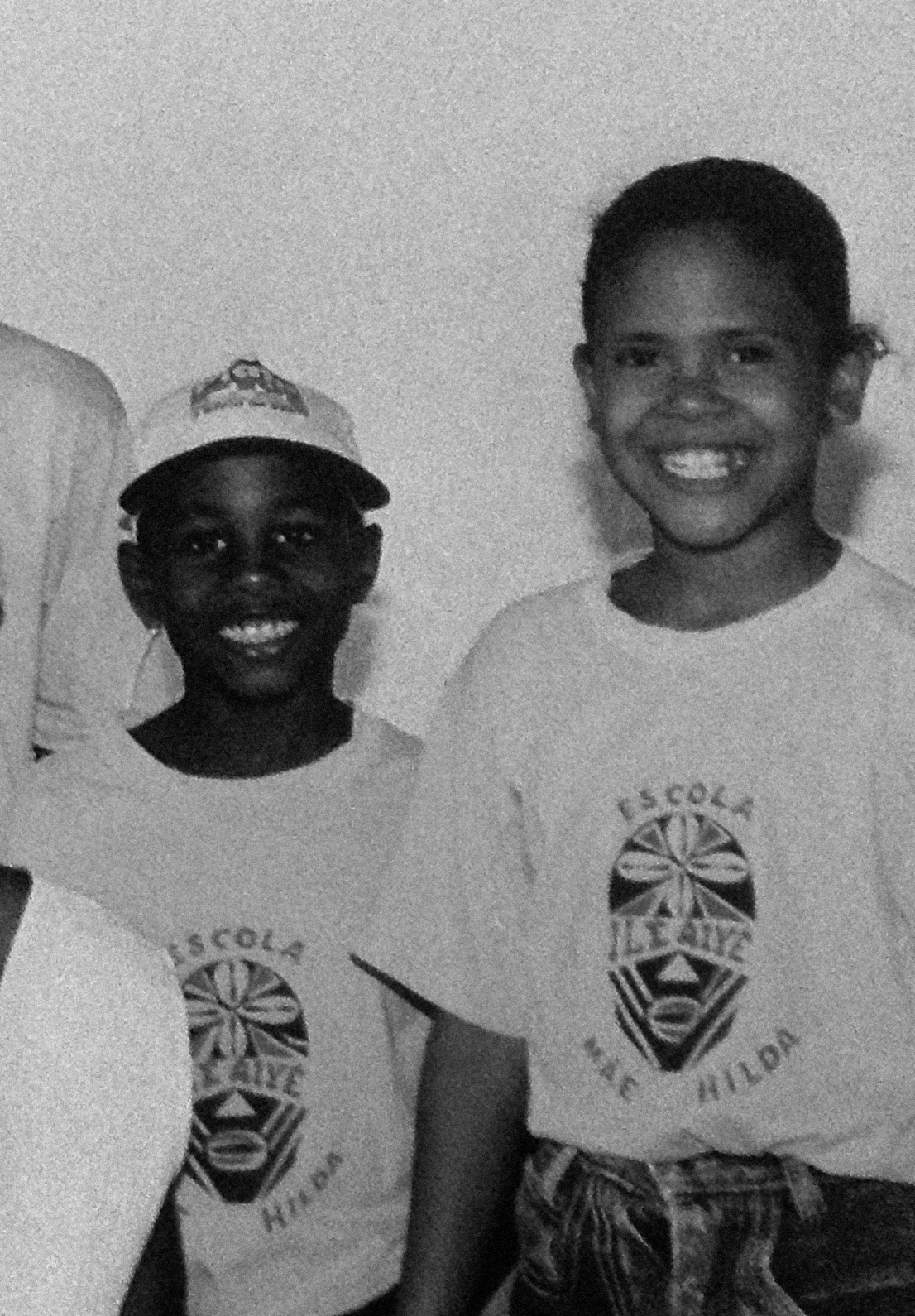
1995—2013

**13**

**moçambique vutlari**







ESCOLA  
KAYE  
HILDA

ESCOLA  
KAYE  
HILDA

É com imensa satisfação e orgulho que apresentamos esta edição comemorativa que reúne todos os Cadernos de Educação publicados pelo Ilê Aiyê. Esta coleção simboliza a centralidade do projeto de educação, reparação histórica e afirmação das dimensões afro-brasileiras.

A parceria com a Fundação Cultural Palmares do Ministério da Cultura e a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) do Ministério da Educação reforça a importância histórica e a relevância política, artística e cultural dos Cadernos de Educação do Ilê Aiyê. Essa iniciativa se alinha a uma prática de extensão que enxerga a educação como um processo de transformação social, promovendo a valorização e o reconhecimento da cultura afro-brasileira.

Assim como o Ilê Aiyê, que, a partir do Carnaval Negro e da potência criativa de J. Cunha ressignificou a maior festa popular da Bahia, os Cadernos de Educação buscam conectar a educação às raízes culturais e históricas do povo negro. A Associação Cultural Ilê Aiyê, desde sua fundação há 50 anos, surgiu da luta por repre-

## **prefácio**

sentatividade e pela valorização da cultura afro-brasileira. Com sua atuação no bairro da Liberdade, o Ilê Aiyê transformou seu espaço em um território de resistência e educação, criando a escola comunitária Mãe Hilda e a Band'Erê, com seu modelo pedagógico inovador baseado na cultura e na História do povo negro no Brasil.

O Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê, criado em 1995, expandiu essas ações para outras escolas da comunidade, capacitando professores e educadores a abordar a História e a cultura afro-brasileira em sala de aula. Esse projeto, assim como os Cadernos de Educação, promove o desenvolvimento de uma consciência de pluralidade cultural, combatendo o racismo e reforçando a importância da ancestralidade e da identidade negra.

O compromisso da UFRB com esse projeto reflete sua missão de promover a inclusão e a valorização das culturas de matrizes africanas, colaborando com a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Que esta edição comemorativa dos Cadernos de Educação do Ilê Aiyê inspire educadores, estudantes e toda a comunidade acadêmica a continuar a luta por um mundo melhor e sem racismo, celebrando a riqueza e a diversidade das culturas afro-brasileiras.

**prof. danillo barata**  
**pró-reitor de extensão e cultura da ufrb**

1995—2013

caderno de educação  
ilê aiyê  
projeto de extensão pedagógica

# MÃE HILDA JITOLU: GUARDIÃ DA FE E DA TRADIÇÃO AFRICANA

**Maria de Lourdes Siqueira**

**ensaio**

## **Introdução**

Mãe Hilda Jitolu, nascida Hilda Dias dos Santos Jitolu, foi uma figura central na preservação e disseminação da fé e da tradição africana no Brasil. Como iyalorixá, sua liderança e sabedoria transcenderam gerações, influenciando não apenas sua família, mas também comunidades inteiras através de sua dedicação ao candomblé. Sua vida e obra refletem a resistência e a riqueza cultural da diáspora africana, consolidando-se como um pilar fundamental para a manutenção das tradições afro-brasileiras.

## **Primeiros anos e formação espiritual**

Mãe Hilda cresceu em um ambiente profundamente enraizado nas tradições africanas. Desde cedo, ela testemunhou a fé e a generosidade de sua mãe, que sempre abriu as portas de sua casa para ajudar os necessitados. Essas experiências formaram a base do que seria sua vida dedicada ao serviço comunitário e à preservação das tradições religiosas africanas. Em suas palavras: “Meus filhos cresceram vendo que eu tenho fé. Minha casa sempre foi frequentada pelo que considero herança de minha mãe” (Siqueira, 1996, p. 3).

Ela foi iniciada no candomblé pelo Babalorixá Cassiano Manoel de Lima e continuou suas obrigações sob a orientação de Iyalorixá Constância da Rocha Pires, conhecida como Mãe Tança, no Terreiro Cacunda de Iaiá. Mãe Tança,

**O CANDOMBLÉ  
SEMPRE FOI CASA  
DE ENSINAMENTOS E  
ESTA FUNÇÃO AGORA  
PROSSEGUE COM AS  
NOSSAS DIVERSAS  
ESCOLAS**

descrita como uma mulher bondosa e generosa, passou seus conhecimentos e direitos religiosos para Mãe Hilda, permitindo que ela continuasse a tradição. Nas palavras de Mãe Hilda, “Mãe Tança era uma pessoa muito bondosa. Gostava de passar ‘as coisas’ para as pessoas, ela não era dessas que segurava, ela passava se a pessoa tinha direito. Mãe Tança tinha esse direito” (Siqueira, 1996, p. 5).

### **Criação do ilê axé jitolu**

Em 1952, Mãe Hilda fundou o Terreiro Ilê Axé Jitolu, um marco na história do candomblé e da comunidade afro-brasileira. O terreiro, nascido de sua fé em Obaluayê, tornou-se um centro de resistência cultural e espiritual, celebrando festivais e rituais que atraíam pessoas de diversas origens e reforçavam a identidade afro-brasileira. “Eu tive de lutar para juntar dinheiro para fazer o Terreiro, fazer a casa. Assim nasceu o Ilê Axé Jitolu. Aí se considera nascimento. Nasceu um terreiro dia seis de agosto de 1952” (Siqueira, 1996, p. 7).

O Terreiro Ilê Axé Jitolu rapidamente se tornou um espaço de referência, não apenas para a prática religiosa, mas também para a promoção de atividades culturais e sociais. As festas e cerimônias organizadas no terreiro atraíam centenas de pessoas, contribuindo para a manutenção e fortalecimento da identidade cultural afro-brasileira. “Começamos com a festa de Obaluayê no dia 16 de agosto. No mês de setembro, prosseguimos com a festa do Caboclo Tupiassu. A gente celebra com muita garra, com muita animação, tudo a que ele tem direito” (Siqueira, 1996, p. 9).

### **Família e compromisso comunitário**

Casada com Waldemar Benvindo dos Santos, Mãe Hilda

criou cinco filhos que se tornaram figuras proeminentes no cenário cultural e religioso brasileiro. Antônio Carlos dos Santos, conhecido como Vovô, fundou o bloco afro Ilê Aiyê, enquanto Hildete Valdevina dos Santos Lima, ou Dete Lima, tornou-se diretora artística do Ilê Aiyê e vice-presidente do Instituto Mãe Hilda Jitolu. Outros filhos, como Vivaldo Benvindo dos Santos e Hildelice Benta dos Santos, também assumiram papéis importantes no Ilê Axé Jitolu e em iniciativas culturais e educacionais. “O Ilê Aiyê tem uma força e eu creio que essa força foi trazida pelo Axé do Orixá porque quando eu comecei a ter filhos, já tinha as minhas obrigações na minha cabeça, no meu corpo, então o meu primeiro filho já nasceu dentro do Axé” (Siqueira, 1996, p. 11).

O compromisso de Mãe Hilda com a comunidade ia além da família. Ela sempre acreditou na importância da educação e do desenvolvimento cultural para a emancipação do povo negro. Com esse objetivo, fundou uma escola de 1º grau que se tornou um modelo pedagógico para outras instituições da comunidade, oferecendo aulas de religião e teatro, além de promover o conhecimento sobre as tradições africanas. “O terreiro é pequeno, mas já tem disciplina que é uma escola de minhas filhas de santo e para as crianças daqui. Carentes da nossa comunidade, acho que Deus me ajudou que o meu sonho foi realizado, eu fundei essa escola” (Siqueira, 1996, p. 13).

### **Impacto cultural e social**

Mãe Hilda foi uma pioneira na articulação de tradições afro-brasileiras com a educação e a cultura popular. Ela fundou uma escola que virou uma referência educacional para os estudantes e toda a comunidade do bairro do Curuzu,

onde está a sede da instituição, além de promover o conhecimento sobre as tradições africanas. “O candomblé sempre foi casa de ensinamentos e esta função agora prossegue com as nossas diversas escolas” (Siqueira, 1996, p. 15).

Além de seu trabalho na educação, Mãe Hilda teve um papel fundamental na criação do bloco afro Ilê Aiyê. Fundado em 1974, o Ilê Aiyê tornou-se um símbolo de resistência e valorização da cultura negra. “O Ilê surgiu em 1974. 1975 foi o primeiro ano que ele foi para a rua, mas antes dele sair, porque ele surgiu numa Casa de Candomblé consultando os orixás, achei que era muitos negros juntos [...] Achei que era necessário que se fizesse alguma coisa por parte do Axé para pedir proteção para esse povo” (Siqueira, 1996, p. 17).

Mãe Hilda também foi uma das responsáveis pela criação do Grupo de Mulheres de Axé Dandarêrê, que abre alas nos desfiles do Ilê Aiyê representando ancestralidade, tradições culturais, religiosas e étnicas. Essas mulheres, guiadas pela força e proteção dos orixás, são um exemplo vivo do legado de Mãe Hilda.

## **Legado e reconhecimento**

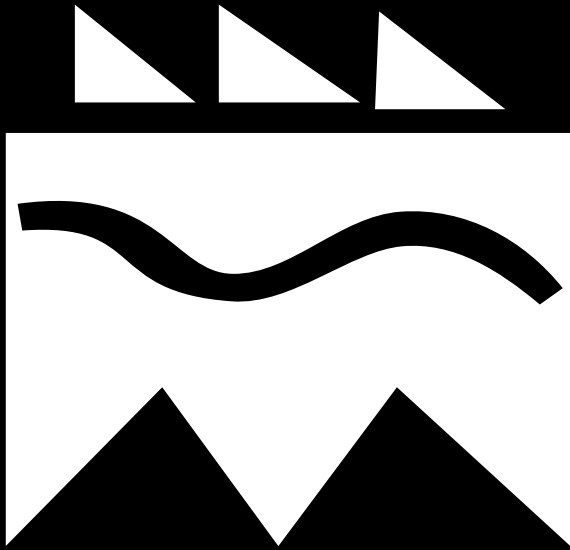
A fé inabalável de Mãe Hilda e sua dedicação à preservação das tradições africanas lhe renderam várias homenagens, - que fizeram jus à sua importância cultural e imaterial. Ela também foi imortalizada em músicas e recebeu tributos durante festivais e eventos culturais. A cidade de Salvador reconheceu seu trabalho, conferindo-lhe honrarias como a Chave da Cidade e a Medalha 2 de Julho, entre outros. “Mãe Hilda recebeu homenagens da 2ª série da Escola Mãe Hilda e de compositores do Ilê Aiyê. Que as Mães Pretas

do Brasil sejam parecidas com Mãe Hilda. Nos acaltem, nos acolham, nos aconselhem para sermos negros felizes” (Siqueira, 1996, p. 19).

Seu trabalho e legado transcenderam as fronteiras do terreiro, impactando a sociedade em geral. Ela participou de eventos importantes como o II Congresso Internacional dos Orixás, onde contribuiu para o diálogo entre a Igreja Católica e as religiões afro-brasileiras. Além disso, Mãe Hilda sempre esteve presente em celebrações religiosas de outras denominações, demonstrando seu respeito e abertura para a diversidade religiosa.

## **Conclusão**

O legado de Mãe Hilda Jitolu é uma herança viva que continua a inspirar e fortalecer a identidade afro-brasileira. Seu trabalho como guardião da fé e da tradição africana é um testemunho de sua visão e dedicação, assegurando que as futuras gerações mantenham viva a chama da cultura e espiritualidade africanas no Brasil. Sua vida e obra são um exemplo de resistência e resiliência, refletindo a profundidade e a riqueza das tradições africanas que ela tanto prezou e preservou. Mãe Hilda continuará a ser lembrada e honrada por sua contribuição inestimável à cultura afro-brasileira.





# sumário

4	prefácio
6	ensaio
16	apresentação
18	a pré-história
29	a ilha de moçambique, pré-história
34	algumas províncias de moçambique
38	concluindo a pré-história
43	história contemporânea
56	antologia da música e poesia

1995—2013

caderno de educação  
ilê aiyê  
projeto de extensão pedagógica

# MOÇAMBIQUE DO CONHECI- MENTO, DO SABER

VANWANA

*O homem se torna homem pelos outros homens que partilham com ele sua a condição humana.*

VUTLARI: O SABER

*Saber, conhecimento, discernimento, prudência, sagacidade, inteligência, acuidade, percepção, habilidade de articular pensamentos e compreender a vida.*

## apresentação

Quando o Carnaval do Ilê Aiyê passa, é difícil esquecê-lo e não desejar sempre revivê-lo. Não temos respostas agora para estas inquietações, mesmo porque já temos que estar a pensar no outro Carnaval que se aproxima.

Algumas vivências do Carnaval de 2005 podem ser resgatadas neste volume 13 da bem sucedida coleção Cadernos de Educação do Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê. Aqui, o que propomos é que a história de luta e resistência moçambicana, narrada por todos nós através do canto, do vestuário, do nosso corpo e pelo tambor, seja ensinada e multiplicada. Para nós, que queremos muito mais “além de esporte e Carnaval”, é natural que tomemos conhecimento de histórias como a de Moçambique para que tenhamos, um dia, o poder.

Querido (a) leitor (a), você tem, a partir deste volume 13, mais uma contribuição do PEP do Ilê Aiyê para que façamos uma educação que contemple a história dos descendentes de africanos. Nós fizemos com que a Lei 10.639, que obriga o ensino desta história, fosse promulgada. Está na hora de forçarmos os governos a colocá-la em prática. Certamente Gungunhana, Zumbi, Dandara, Acotirene e muitos outros ancestrais vão gostar muito.

**Axé,**

**Salvador, junho de 2005.**

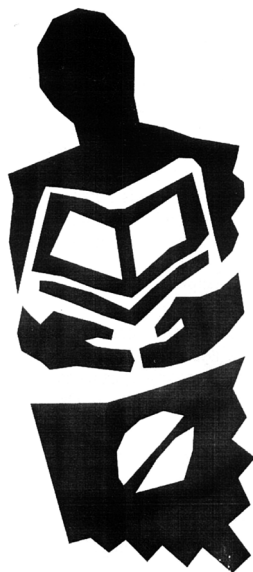
**A Coordenação do PEP do Ilê Aiyê**

1995—2013

caderno de educação  
ilê aiyê  
projeto de extensão pedagógica

# A pré-história

01



18

## **A. Referencial do passado**

A realidade atual de Moçambique só pode ser compreendida na sua totalidade nas referências de sua civilização tradicional, suas lutas e sua história passada e contemporânea. A tradição cultural de Moçambique é profundamente enraizada na tradição africana e é preciso uma atitude mental de compreensão e respeito por essa tradição. Ao mesmo tempo, a tradição é mesclada, ferida, alterada pelas guerras, pelas dominações estrangeiras, pelas revoluções, pela industrialização e pela urbanização. O povo moçambicano vive dia-a-dia entre as lições de seus ancestrais, os horrores da guerra, as imposições de outras culturas, as mudanças trazidas pela colonização e as tentativas de novos sistemas políticos, sociais e culturais. Mas a vida em Moçambique não morre. Os mais velhos passam aos mais novos a sua visão de mundo, suas experiências de vida, a riqueza dos seus antepassados.

A maior riqueza da tradição africana está construída sobre a religião e a cultura ancestrais de cada povo. É preciso conhecer a riqueza da história, das lutas, da religião e das culturas para compreender o que se passa hoje na vida do povo moçambicano entre a riqueza de suas raízes culturais e a diversidade de suas culturas locais.



## **Vozes da floresta macua**

**(Guellwar)**

Vou de Ilê pra falar de Moçambique  
Pode até dobrar o repique  
Samora, guerreiro, Machel Negra estrela a brilhar no céu  
Filha de África, maravilha de África  
Macondes... resistência feminina  
Onde negras mulheres não se curvam ao machismo universal  
E contra mão colonial  
Viva Samora Machel  
Que em nome da Independência  
Botou Portugal no banco dos réus  
Gungunhana Vutlari Samora Machel – Moçambique  
Vou de Ilê, pra falar de Moçambique  
Pode dobrar o repique Banda Aiyê ...  
Maputo, Zambézia, Sofala  
Filha de África, maravilha de África  
Um Shangana me ensinou a ter orgulho dos meus ancestrais  
Quando a mão bela jogar o Tinholo  
Shykuembu vai responder e o Ilê Aiyê todo vai cantar.  
Nyeréré, Nyeréré ... a luz do Pantera Negra  
Nyeréré, Nyeréré ... Josina Muthemba Machel  
Nyeréré, Nyeréré... Deusa do Ébano de Moçambique  
Nyeréré, Nyeréré... Negra, guerreira e feminista!



## **B. As grandes tradições culturais de Moçambique**

Moçambique viveu mais de 15 anos uma guerra que trouxe dificuldades, pobreza, miséria, fome, desorganização das estruturas tradicionais, das famílias, dos grupos popula-

cionais e das comunidades. Na sua grande maioria, são povos agricultores que, nos primeiros séculos de suas vidas, povoaram extensas regiões da África do Sul e do Saara. Em Moçambique, existem quatro grandes tradições culturais.

Os principais grupos étnicos de Moçambique estão em:

- ◆ Uma região costeira.
- ◆ Três regiões nos planaltos da África Austral, que se estendem ao sul, centro e norte de Moçambique. São povos bantus centrais e bantus do sul. Todos têm suas linguagens e suas culturas próprias.

Podemos agrupar os habitantes de Moçambique em nove grupos principais. Do Sul para o Norte, temos:

1. Os Tsongas
2. Os Chopes
3. Os Bitongas
4. Os Shonas
5. Os Maraves
6. Os Macuas
7. Os Yao
8. Os Macondes
9. Os Swahili

Há uma complexa diversidade de línguas, religiões, culturas, artes e tradições entre estes grupos, com suas formas próprias de organização social e familiar e seus sistemas de parentesco.

As migrações, as guerras e as mudanças históricas criaram certas transformações, mas há uma continuidade através dos mais velhos e dos sábios de cada lugar e de cada grupo étnico.

### **C. Organização social – pré-história**

O poder tradicional era antigamente exercido pelo chefe tradicional. Entre o povo Tsonga, este chefe é denominado hosi, que governa a comunidade denominada tiko. Nos tikos, vivem os irmãos mais velhos que são chamados nganakana, que, por sua vez, governam os pequenos tikos. Os tikos são responsáveis pelos rituais que garantem a fertilidade e a prosperidade econômica, além das chuvas e da abundância de alimentos. É o hosi que representa o pai da comunidade, zelando pelas leis e pela justiça. É o hosi que dirige as celebrações dos rituais mais importantes da comunidade através do culto aos antepassados. Os acontecimentos mais significativos da vida são: a alegria, a tristeza, a doença, as grandes secas, as calamidades naturais, os nascimentos e os casamentos.

É uma gestão coletiva do espaço e de seus recursos com fronteiras bem definidas para se defenderem dos tikos externos, que são considerados inimigos potenciais. Essa gestão é responsável pela distribuição das terras entre todas as linhagens e responde pelas pastagens. Para assegurar o bom funcionamento de toda a gestão, é preciso um grande número de homens, principalmente para ações de grande porte, a exemplo da pesca e das guerras.

### **D. A organização do trabalho**

Para o povo Tsonga, do sul de Moçambique, nas sociedades tradicionais a principal atividade é a agricultura. Para outras regiões, a pesca é muito importante, principalmente do peixe e do camarão. A mulher trabalha na roça – a machamba – desde os doze anos de idade. Os homens cuidam da caça, pesca, da criação de animais, da construção das casas, dos celeiros, da fabricação de ferramentas, da arte, da guerra

e de contatos sociais e familiares para garantir a ajuda dos outros, sobretudo em períodos de carência alimentar. O sistema de ajuda mútua é muito vivo entre as comunidades.

## **E. A religião tradicional africana em Moçambique – O Caso Tsonga – Shangana**

“Um Shangana me ensinou a ter orgulho dos meus ancestrais”. GUELLWAR

A organização social está baseada no papel dos mais velhos. Os antepassados são considerados os donos da terra e os protetores do grupo. Crença e organização social estão intimamente ligadas ao seio da comunidade.

As religiões africanas em Moçambique são partes integrantes de todos os aspectos da vida. São chamadas Religiões Comunitárias. Para o povo do sul de Moçambique – os Shangana –, a condição maior do ser humano, da vida da pessoa é viver em comunidade e estar integrado a ela. A religião é um suporte à comunidade que oferece os meios para resolver os problemas do dia-a-dia.

A religião tradicional é fundada no passado em todo o seu sistema social, moral e espiritual. O passado é tão importante que as pessoas se apresentam com o nome dos seus antepassados. Os mais velhos estão mais próximos dos espíritos e exercem a função de mediadores entre os vivos e os mortos. Por isso, os mais velhos são protegidos pelos antepassados. Por isso também, o mais velho é o gestor, organizador e coordenador de todas as atividades de sua comunidade. O princípio de tudo é o ancestral.

## **RELIGIÃO, ANCESTRALIDADE E POSSESSÃO PELOS ESPÍRITOS EM MOÇAMBIQUE: OS VANYAMUSORO, TINYANGA, TINGULUYE, NYANGARUNE. O SER SUPREMO PARA O POVO SHANGANA É SHIKWEMBU.**

A possessão pelos espíritos e a adivinhação são elementos centrais na Cosmologia e na Filosofia da grande maioria dos povos de Moçambique, tanto nas zonas rurais quanto nas zonas urbanas. Estes fenômenos exercem influência determinante nas decisões das pessoas em vários aspectos da vida:

- ◆ A escolha do nome de uma criança
- ◆ O itinerário de uma viagem
- ◆ Rituais para um bom ano agrícola
- ◆ A melhoria no trabalho

Há uma profunda identificação da maioria dos moçambicanos com uma visão tradicional do mundo. Em Moçambique, no pós-guerra, o exército governamental, as autoridades locais e a associação de antigos combatentes reuniram-se aos Chefes Tradicionais e à Associação de Médicos Tradicionais e foram em busca de solução para um conflito gerado no distrito de Govuro entre povos Maconde a respeito da morte de um chefe tradicional deste distrito. Os porta-vozes dos espíritos entre os povos do sul de Moçambique são os tinyanga. Os rituais de comunicação entre os espíritos e os indivíduos e grupos são os rituais de kuphala. Estes rituais garantem segurança e estabilidade às pessoas para suas vidas. Durante os períodos de Guerra em Moçambique e o pós-guerra, a FRELIMO, de orientação marxista, que ganhou o governo do país e a RENAMO, organização que entrou em guerra com a FRELIMO, compreenderam a força da tradição de Moçambique.

O tratamento das doenças e a regulação da vida entre os povos Tsonga, Ndaue e Nguni é feito pelas entidades espirituais denominadas vanyamusoro. Enquanto os tinyanga são adivinhos, médiuns e curadores para o povo Tsonga, que na África do Sul são denominados povo Shangana, os espíritos locais são os tinguluye ou nhlonga. Como resultado desta interação entre povos e entidades diferentes, surgem os nyamusoro, novos tipos de praticantes da medicina tradicional. No passado, a mulher não desempenhava a função de nyanga – a prática da religião e dos rituais. Nos processos de mudança, principalmente a morte de soldados e a emigração em massa dos homens para a África do Sul, as mulheres, além de assumir as responsabilidades domésticas de sustento de suas famílias, passam também a assumir práticas religiosas e o domínio dos rituais. As esposas dos espíritos são espíritos chamados nasati wa shikwembu. Hoje, as mulheres nyamusoro desempenham papéis importantes na qualidade de guardiãs das normas e valores sociais nas sociedades moçambicanas. Os rituais de iniciação para as práticas religiosas e para a vida são denominados kuthwasa e servem para homens e mulheres. O local onde o nyamusoro recebe os doentes para realizar o tratamento é chamado Ndhumba – ou Casa dos Espíritos. As mulheres realizam, nestas casas, os papéis de adivinhação através do transe e dos tinholo – fragmentos de ossos utilizados para ler a realidade através da adivinhação, como se fossem búzios.

Um Shangana me ensinou a ter orgulho dos meus ancestrais

Quando a mão bela jogar o Tinholo

Shikuembu vai responder e o Ilê Aiyê todo vai cantar:



Nyereré, Nyereré... a luz do Pantera Negra  
Nyereré, Nyereré... Josina Muthemba Machel  
Nyereré, Nyereré... Deusa do Ébano de Moçambique  
Nyereré, Nyereré... Negra, guerreira e feminista!

VOZES DA FLORESTA MACUA – GUELLWAR

**1995—2013**

**caderno de educação  
ilê aiyê  
projeto de extensão pedagógica**

# **A Ilha de Moçambique, Pré-história**

**02**

## **A. O nome do país**

A Ilha de Moçambique é a velha capital que deu o nome ao país e que tem sua origem a partir da história da Ilha de Moçambique. A Ilha de Moçambique era uma escala indispensável à boa travessia do oceano Índico, depois de longas viagens, de meses desde Portugal. Era uma significativa base naval para a época. Habitada por povos diversos, portadores de culturas diferentes que ali se mesclavam e se constituíram através de séculos.

Foram os árabes que colocaram a Ilha de Moçambique na rota da História depois que partiram da Pérsia e da Arábia para a costa da África junto ao Mar Vermelho. A Ilha de Moçambique era um porto de abrigo na rota do ouro. Era uma colônia árabe que se tornou uma povoação swahili, de árabes e negros.

## **B. As línguas faladas na Ilha de Moçambique**

A população da Ilha de Moçambique reside em oito bairros: Unidade, Quirai, Areal, Marangonha, Esteu, Litina, Macaripe e Museu. As línguas faladas nestes bairros são: macúá, maconde, swahili, changane, chope, chona, sena, hindi, bitonga, chichena, lomue, chiabo, o português e, finalmente, a língua árabe.

## **C. A Baía de Lourenço Marques hoje é a cidade de Maputo, capital de Moçambique.**

Junto com a Ilha de Moçambique, a baía de Lourenço Marques foi o principal centro político-administrativo e econômico da Costa Oriental Africana de influência portuguesa. Seus principais objetivos eram realizar transações comerciais, sobretudo de tecidos e miçangas trocados por marfim.

## **A POVOAÇÃO DA ILHA**

A povoação da Ilha, hoje, apresenta caracteres somáticos negros dos africanos do interior. Há uma convergência de fatores que se assemelham aos povos Ibo, Angoche e Quelimane. A população dos bairros populares oferece o maior interesse cultural, quer pelo sincretismo de usos e costumes das mais variadas origens e etnias, quer pelo sistema de organização social em confrarias muçulmanas, que fomentam as relações de parentesco com a gente do litoral ou os povos do interior, os vestuários, os cantares, a habitação e a alimentação. É um povo com personalidade própria e cultura peculiar.

## **D. Organização social e cultural**

O associativismo, as representações teatrais, os clubes recreativos, as confrarias ou irmandades chamadas Toarics por parte dos muçulmanos foram muito numerosas na Ilha de Moçambique, a exemplo da ordem Xadulia e da ordem Cadiria.

## **O DESEMBARQUE NA ILHA DE MOÇAMBIQUE**

Ao desembarcar na Ilha, o largo era a sala de visitas solenes da cidade e centro da vida oficial naquele tempo. O acontecimento de maior importância era o baile numa sala lindamente decorada, com gabinete para as damas. Havia o teatro local, jornais e atividade dramática. Havia o Clube Recreativo onde se realizavam as soirées dançantes. Em 1869, foi formada a Associação Civilizadora de Moçambique que, em 1875, foi aprovada com o nome de Museu da Província de Moçambique, onde mais tarde foi instalada uma biblioteca. Em 1889, foi criado o Museu Provincial. A literatura fala de batuques locais e das reuni-

ões nos quintais onde se passava a vida doméstica e onde senhores e seus subalternos se reuniam.

As principais populações africanas que chegaram à Ilha de Moçambique foram povos islamizados provavelmente vindos de Zanzibar, Kilwa e Ilhas Comores. O conjunto de culturas trazidas por esses povos designou a cultura Swahili, cujo agrupamento linguístico herdeiro desta cultura na Ilha vem do Macua, a língua naharra. A transmissão das influências culturais se fazia através de navios a vela cruzando alto mar. Os árabes foram os pioneiros da navegação no Oceano Índico.

Os portugueses chegam à Ilha de Moçambique em 1498, em busca de informações para chegar às Índias. Eles encontraram, no litoral moçambicano, uma civilização superior à sua. Nas cidades árabes e no interior haviam impérios bantos politicamente complexos. A partir do século XVI, em lugar do Mediterrâneo, o Atlântico entra em cena, colocando Lisboa e Sevilha na rota das atrações que cabiam a Veneza, Gênova e Marselha. No século XVII, os holandeses tentaram a ocupação da Ilha. A efetivação da ocupação da Ilha pelos portugueses só se realizou no século XX, por volta de 1920, depois da submissão das revoltas africanas.

As ilhas e cidades costeiras mais significativas do Índico são: Mogadiscio, Mombaça, Lamu, Zanzibar, Comores, Ibo e Ilha de Moçambique. A Ilha de Moçambique, antiga capital colonial, é um aglomerado de construções antigas que datam do século XVI ao século XIX. Pedra, cal e macuti são os materiais de construção desse aglomerado, com feitorias, armazéns, portas, varandas, alpendres, peças de mobiliário indo-português e o templo hindu.

# **Ilê Aiyê nos cinco continentes**

**(Genilson Santtus e Valmir Brito)**

Ilha de Moçambique era a velha capital  
Escala na rota da navegação de civilizações  
Em busca do ouro no Oceano Índico Ocidental  
Iniciando ali a povoação Swahili com Árabes e Negros  
Hoje Maputo é capital mas antes ali chamava  
Baía de Lourenço Marques centro comercial  
Ali diversas transações com tantas civilizações  
A economia era administrada com influências de Portugal  
O nosso grito ecoou pelos cinco continentes  
Coragem ao clamar por liberdade e igualdade  
Sempre será meu avô a riqueza desta gente negra  
Vanwana vutlari Moçambique Ilê Aiyê  
Acusaram consciência e poder com dimbe  
E as mulheres nas machambas logo em frente com catanas  
Moçambique meu eu é você sua história o mundo marcou  
Moçambique não posso esquecer a batalha que você travou  
Ver seu canto traduzido discutido em Salvador Pelo poder da  
resistência o transigente Ilê Aiyê cantou  
Rei Gungunhana teu povo negro declama

1995—2013

caderno de educação  
ilê aiyê  
projeto de extensão pedagógica

03

# Algumas províncias de Moçambique



Tete, Sofala, Zambézia, Manica/ As suas províncias/ Bitongas, Maraves, Macondes/ Alguns habitantes de lá

Juka Maneiro, Sandoval e Roberto Cruz

- 1. A Província de Tete** A província de Tete é banhada pelo rio Zambeze, com paisagens de uma beleza ímpar. Tete é um autêntico milagre da natureza. É uma área de grande riqueza de minerais e produção agrícola sobre os planaltos de Angonia, Morávia e as terras dos distritos de Zumbo e Magoé. Dotada de variadíssima fauna ao lado do lago artificial do Zambeze, entre suas imagens originais estão A Árvore Mãe da Vida e A Casa Mãe da Vida.
- 2. A Zambézia** Cortada por inúmeros rios, a Zambézia é um território de miscigenação cultural BANTO-INDOLUSSA. A Zambézia foi um ponto antigo de trocas comerciais e intercâmbios culturais entre suas populações Chuwabo e Makhwa e depois com árabes e persas, seguidos de portugueses e indianos. Quelimane, a capital da Zambézia, é uma cidade bonita de braços abertos à vida.
- 3. Manica** Águas puras cristalinas banham as montanhas de Manica, nessa província rica em ouro e minerais. Sua capital é Chimolo. A sua população é majoritariamente do grande grupo étnico Shona, cultura

Banto com uma riquíssima tradição oral. É portadora de costumes patrilineares com grupos totêmicos bem definidos e tabus respeitados e temidos.

Cerâmica, escultura em madeira, cestaria, trabalhos em palha e agora em pedra mostram a pujança da arte da população de Manica com seu dinamismo cultural.

- 4. A Província de Sofala** Província habitada majoritariamente por povos Senas e N'daus, povos de origem Banto. Possui um grande manancial de espécies marinhas, especialmente de camarão.

Suas populações são principalmente caracterizadas por uma forte personalidade de gente trabalhadora. É uma província rica em madeiras de mwanza e inhamitanga, uma das maiores reservas da África constituída pelo Parque Nacional da Gorongosa.

Sofala consta dos mapas perso-árabes de épocas históricas pela denominação de Corredor da Beira.

# **História contemporânea**

**(Jucka Maneiro – Sandoval – Roberto Cruz)**

Nos pontos comuns  
Da comunidade africana  
Valores culturais  
Traçam a identidade  
Da grandeza humana  
Na rota da História Contemporânea  
O Ilê relata através da música  
Uma tradição mesclada  
De cultura enraizada  
Que reflete costumes  
Crenças e religiões  
A Ilha é ponto de encontro  
De civilizações  
Moçambique, Maputo Capital  
Liberdade, Curuzu  
Ilê Aiyê, Africa Austral  
Tete, Sofala, Zambézia, Manica  
As suas províncias  
Bitongas, Maraves, Macondes  
Alguns habitantes de lá  
Moçambique Vutlari  
Escala na Rota do Ouro  
Ouro é contar sua história  
Te cantarolar  
Moçambique, Maputo Capital  
Liberdade, Curuzu  
Ilê Aiyê, África Austral

## 04 Concluindo a pré-história

A Ilha da Moçambique é um Patrimônio Cultural da Humanidade. É um ponto de referência fundamental na história de Moçambique, principalmente pela sua tradição de porto seguro para diferentes povos que navegavam na direção do Oceano Índico Ocidental, incluindo mercadores dos mais distintos pontos do globo, atraídos pela possibilidade de realizar o comércio do ouro, de especiarias, do marfim e do tráfico de africanos escravizados.

A Ilha de Moçambique era uma escala, um entreposto na rota do ouro, um ponto de encontro de civilizações. É nesse sentido que, na Ilha de Moçambique, se realizam ricas e variadas trocas culturais entre povos da Europa, do Oriente e da Arábia, o que se reflete ainda hoje em usos, costumes, crenças, religiões, linguagem, indumentária, culinária, danças e toda a sorte de práticas sociais e tradições.

## **A. Pontos comuns de continuidade africana em Moçambique**

- ◆ A arte da palavra, poesia, música, melodia.
- ◆ A arte do pensamento – grande capacidade de pensar e articular ideias.
- ◆ A arte da vida em comum.
- ◆ O espírito de finesse (maneiras elegantes).
- ◆ O espírito de justiça.
- ◆ O dom pela aritmética.
- ◆ O dom pela geometria.
- ◆ O dom do pensamento.
- ◆ A grandeza de coração.
- ◆ O respeito pela grandeza da pessoa humana.
- ◆ O respeito pela família – a família é a primeira célula da comunidade.
- ◆ A crença na vida comunitária – o núcleo fundamental é a comunidade.
- ◆ O gosto pelo conhecimento.
- ◆ A beleza da expressão com grandes possibilidades de construir seus pensamentos com belas imagens.
- ◆ A alegria de viver.
- ◆ A capacidade de rir e chorar entre dores e alegrias.
- ◆ A ajuda mútua/o valor do tempo.
- ◆ Os rituais de iniciação.

## **B. Identidade e valores culturais**

Na sociedade moçambicana, a identidade e os valores culturais são ensinados dos mais velhos aos mais novos através

1. do respeito aos mais velhos
2. do respeito aos pais

3. do respeito às autoridades
4. da hospitalidade
5. da solidariedade
6. do louvor aos antepassados
7. dos rituais de iniciação
8. do sentido comunitário
9. dos segredos das relações interpessoais
10. das iniciações que servem de base e referência para todas as gerações
11. da harmonia, da paz e da solidariedade de grupos étnicos que reforçam a comunidade.
12. dos valores da comunidade que formam a identidade
13. das famílias, que são os núcleos fundamentais
14. da mulher, que ocupa um lugar primordial embora haja contradições da vida no dia-a-dia.

### **C. Alguns provérbios do povo Tsonga que falam destes valores**

- ◆ “O coração humano é como as águas profundas”.
- ◆ “O coração humano é um oceano”.
- ◆ “Ninguém pode lutar contra o céu”.
- ◆ “O maior é aquele que chega até a profundidade dos segredos da vida”

# Poesia moçambicana

(Adailton Poesia e Valter Farias)

Moçambique  
Pra poder sobreviver  
Rei Hanga e a multi-coalizão  
Desde os primórdios da luta  
Contra a euro-exploração  
O Ilê canta você  
E a sua resistência  
O Ilê Aiyê Lembra  
A luso sangria e a pilhagem  
E faz um coro Junto a Samora Machel  
Cantando abaixo ao tribalismo  
Lusa herança e cruel  
Meu amor é você Ilê Meu amor é você Ilê  
Pra se olhar Moçambique de verdade  
Moçambique Vutlari  
É um sonho de liberdade  
Gungunhana e Zumbi  
O vento é o povo  
É o poder popular  
Gente a luta continua  
Xiconhoca aqui não dá  
É o coral negro  
Numa singela homenagem  
A Moçambique e o ideal de identidade  
Mas uma coisa  
Eu canto com muito prazer  
Josina Muthemba e a Frelimo  
Correm em veias do Ilê



1995—2013

caderno de educação  
ilê aiyê  
projeto de extensão pedagógica

# 05 **História contemporânea**

**Movimentos de resistência e  
a importância da cultura na  
luta pela libertação**



## **A. A resistência moçambicana ao colonialismo português**

Após a Segunda Guerra Mundial, entre 1939 e 1945, o fim do colonialismo e a conseqüente independência de todas as colônias tornam-se um dado adquirido. Este princípio foi consagrado, em 1945, na “Declaração sobre os territórios não autônomos” da Carta da Organização das Nações Unidas (ONU). Em especial, o segundo artigo desse capítulo era claro sobre a necessidade de rapidamente se proceder ao desenvolvimento de formas de auto-governo dos povos submetidos à colonização. A partir daí, sucederam-se as ações para a promoção do fim do colonialismo, a irrupção de guerras de libertação e a independência de antigas colônias.

A ditadura que governa Portugal, à semelhança do que faziam outros regimes ditos democráticos, procura resistir em vão a este movimento internacional para acabar com o colonialismo.

Na África, a primeira colônia portuguesa onde irrompe a guerra de libertação foi Angola, em 1961, seguida de Guiné-Bissau, em 1963, e depois de Moçambique, em 1964.

Em Moçambique, os movimentos nacionalistas negros surgem a partir dos anos 1950 do século xx. Dois acontecimentos foram decisivos para o surgimento desses movimentos: a greve dos estivadores em Maputo, em 1956, cuja sangrenta repressão causou a morte de 49 trabalhadores, e o massacre de Mueda, província do norte de Moçambique, em junho de 1960, onde foram barbaramente assassinados 17 negros.

As primeiras organizações de libertação moçambicanas foram: a MANU – União Nacional Africana de Moçambique, de 1959; a UDENAMO – União Democrática Nacional de

Moçambique, de 1959 e UNAMI – União Nacional de Moçambique Independente, de 1961. Essas organizações foram fundadas por emigrantes moçambicanos em colônias inglesas da África Oriental como Tanzânia, Malawi e Zimbábue. Em 1962, por influência de Julius Nyerere, presidente da Tanzânia, estas organizações fundem-se em uma única frente de combate: a FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique – sob a direção de Eduardo Mondlane.

Embora a maioria dos dirigentes da FRELIMO fosse do sul de Moçambique, os primeiros guerrilheiros são recrutados no norte, entre os Macondes e os Nianjas, povos que mantinham tradicionalmente uma relação conflituosa com os portugueses.

A luta armada inicia-se no norte de Moçambique, em Mueda, no dia 25 de setembro de 1964. A FRELIMO contava, então, com cerca de 250 guerrilheiros devidamente armados. Após o início da guerra, a forma brutal como os macondes e os nianjas foram tratados pelas tropas portuguesas acabou por jogar a favor da FRELIMO, que passou a contar com um largo apoio destas etnias. A FRELIMO, em 1974, afirma que controla cerca de 30% do território de Moçambique, mas o exército português apresenta número muito diferente. Apesar de ter sido a mais longa guerra que um país europeu travou em África, o número de mortes de ambos os lados, comparativamente a outras guerras, é considerado muito baixo.

Após a morte de Eduardo Mondlane, primeiro dirigente da FRELIMO, em 1968, a organização passa por uma crise interna. A direção é assumida por um triunvirato constituído por Uria Simango, Samora Machel e Marcelino dos Santos, sob a coordenação do primeiro. Em finais de 1969,

Simango é expulso por ter acusado os outros dirigentes de assumirem práticas autoritárias. A primeira tentativa de derrubada da ditadura em Portugal, em março de 1974, traz um ânimo novo aos guerrilheiros da FRELIMO. O número das ações militares que estavam em regressão começa a aumentar. Após o 25 de abril de 1975, com a queda da ditadura portuguesa, a FRELIMO intensifica ainda mais a luta armada. Encontra cada vez mais pela frente um exército português desmoralizado e que se recusa a combater.

## **B. Principais lideranças moçambicanas para alcançar a soberania em 1975.**

NGUNGUNHANE  
(GUNGUNHANA)

*“É um sonho de liberdade / Gungunhana e Zumbi”*  
ADAILTON POESIA E VALTER FARIAS

Ele nasceu por volta de 1850, no seio da etnia ngunis. Os ngunis eram excelentes guerreiros e haviam penetrado em Moçambique por volta de 1820, subjugando e escravizando os povos ali instalados – chopes, tsongas, vandaus e bitongas. Em meados do século XIX, foi criado o Reino de Gaza, no sul de Moçambique. Em 1884, por morte de seu pai, Muzila, Ngungunhane sobe ao trono. Durante cerca de dez anos, os ngunis oferecem uma feroz resistência ao colonialismo português. Apenas em 1895, o exército português consegue vencer os ngunis, destruindo Mandlakasi, capital do império de Gaza. Ngungunhane é aprisionado em Chai-

mite, a aldeia sagrada dos ngunis. Ele morreu em 1906, na Ilha de Açores. Em 1985, as ossadas de Ngungunhane são entregues à República de Moçambique. Ngungunhane tornou-se um dos símbolos da resistência dos povos moçambicanos ao domínio colonial.

### **EDUARDO MONDLANE**

Eduardo Chivambo Mondlane nasceu em 1920, no distrito de Gaza, Moçambique. Ele estudou, depois da escola primária, em um liceu do Transval, na África do Sul. Em 1949, com outros estudantes, funda o Núcleo dos Estudantes Secundários Africanos, onde se debate a questão da Independência de Moçambique. Neste mesmo ano é preso, vai depois para a Universidade de Lisboa, mas não tarda a partir para os Estados Unidos.

Durante as férias de 1961, Mondlane visita Moçambique e reata contatos com os ativistas locais. Está, então, convencido de que só pela luta armada é possível alcançar a Independência. Entre 1961 e 1962, desenvolve uma intensa ação no sentido de unir os vários grupos nacionalistas, culminando no Congresso da Unidade, em Dar-es-Salam, onde é criada a FRELIMO. Foi presidente da FRELIMO durante dois períodos. No dia 3 de fevereiro de 1969, na sede exterior da FRELIMO, em Dar-es-Salam, Mondlane foi assassinado quando se preparava para abrir uma encomenda postal, armadilha proveniente da República Federal da Alemanha.

Eduardo Mondlane simboliza a luta pela independência de um povo, que toma consciência de si próprio como uma entidade autônoma.

## **SAMORA MACHEL**

**“Viva Samora Machel / que em nome da Independência / Botou Portugal no banco dos réus”**

GUELLWAR

Samora Machel nasceu em Xilembe, província de Gaza, no sul de Moçambique. O seu avô Maghivelari era um famoso guerreiro, parente de Ngungunhane.

Samora participou desde o início na luta de libertação, onde se notabilizou nas ações militares. Em 1963, ele saiu de Moçambique e viajou a diversas outras nações africanas, onde recebeu treinamento militar. Em 1964, Samora Machel retornou e conduziu ataque de guerrilha da FRELIMO contra os portugueses. Desde o princípio dos anos 1970, tornou-se figura de referência da FRELIMO. A sua experiência na guerra para a libertação reforçou-lhe a convicção que quase tudo poderia ser resolvido através das armas. O que viria a tornar-se, segundo estudiosos, em um dos seus piores defeitos enquanto político.

A seguir à Independência, em 1975, dirige com mão de ferro a construção de um Estado Socialista em Moçambique, enfrentando sozinho os regimes, na época, racistas da África do Sul e da Rodésia, atual Zimbábwe.

Em outubro de 1986, Samora Machel morre num acidente de avião na África do Sul. A queda do avião é atribuída a este país.

Samora Machel simboliza a luta por uma causa que transcende Moçambique: a libertação do homem de todas as formas de discriminação e exploração. Samora Machel

foi um revolucionário dedicado não somente em jogar os portugueses fora de Moçambique, mas também radical em mudar a sociedade. São palavras dele: “de todas as coisas que nós fizemos, a mais importante – essa que a História gravará como a contribuição principal de nossa geração – é que nós compreendemos como girar o esforço armado em uma volta, e que nós realizamos que era essencial criar uma mentalidade nova para construir uma sociedade nova”.

## **JOSINA MACHEL**

*“Eu canto com muito prazer / Josina Muthemba e a Frelimo / Correm em veias do Ilê”.*

ADAILTON POESIA E VALTER FARIAS

Josina Muthemba foi uma das jovens que, na juventude, fugiu para FRELIMO.

Ela é considerada modelo de inspiração do movimento de mulheres. Na luta pela libertação de Moçambique, desempenhou um papel muito importante. Foi uma das fundadoras do Departamento Feminino, Chefe da Seção dos Assuntos Sociais e da Seção da Mulher no Departamento de Relações Exteriores da FRELIMO. Foi Josina que impulsionou a criação do Centro Infantil de Nangade, em Cabo Delgado, onde elementos do Destacamento Feminino tomavam conta das crianças que ficavam órfãs, ou crianças cujos pais estavam ausentes, no combate pela libertação nacional junto à FRELIMO.

Abordando a questão feminina e a sua participação na luta, Josina Machel escreveu:

Antes da luta, mesmo na nossa sociedade, as mulheres tinham posição interior. Hoje, na FRELIMO, a mulher moçambicana tem voz e um importante papel a desempenhar. Ela pode exprimir as suas opiniões; tem liberdade de dizer o que quiser. Tem os mesmos direitos e deveres que qualquer outro militante, porque é moçambicana, porque no nosso Partido não há discriminação baseada em sexo.

A luta armada de libertação de Moçambique serviu de base para a emancipação da mulher. Estas condições surgiram através do exercício em nível do Destacamento Feminino, onde a sua participação e envolvimento ativo em várias atividades da luta eram bem evidentes.

A luta da valorização da mulher na FRELIMO não é recente, data do início da luta nacionalista, nos anos de 1960 e 1970. Foi nesta luta que, pela primeira vez, foi defendido o princípio de igualdade entre homens e mulheres. A FRELIMO tinha como objetivos principais garantir uma definição clara da inserção da mulher no contexto do movimento da luta nacionalista.

A filosofia da FRELIMO permitiu às mulheres uma maior visibilidade da condição, tendo influenciado as diretrizes do Partido no período pós-independência. A nova política do governo da FRELIMO após a libertação trouxe significativos ganhos para as mulheres.

### **C. A resistência cultural em Moçambique**

O sistema educacional e religioso português tinha objetivos que visavam a despersonalização sistemática do homem e da mulher moçambicanos. Procurava inculcar nas pessoas valores culturais da sociedade portuguesa como, por exemplo, amor pelo estado português e pela Igreja Católica. Negando a cultura do povo moçambicano, pro-

curava apresentar os valores portugueses como os únicos que facultariam a elevação e avanço da população negra de Moçambique. A implantação dos valores do branco encontrou obstáculos consideráveis, um dos quais a resistência da cultura popular, que se adaptou para melhor enfrentar as realidades do colonialismo.

Dada a repressão de meios políticos para a manifestação de protesto direto, a vida cultural constituía uma das principais frentes de oposição ao domínio colonial-fascista dos portugueses. Foi na vida cultural que se desenvolveram a observação, análise e ideologias sociais que contribuíram profundamente para a formação e motivação de participantes da luta de libertação.

Os contos que se narravam no ambiente familiar, as canções dos camponeses e trabalhadores nos campos e portos, as obras de arte plástica, escultura e máscaras, a pintura e a literatura oral e escrita como meios de transmissão de valores culturais da sociedade constituíram as formas de crítica social e de protesto ao colonialismo. Estas formas de expressão foram as mais viáveis porque eram, geralmente, imunes à censura colonial, por serem, em grande medida, incompreensíveis ao colonizador, que menosprezava as línguas e a cultura do povo moçambicano.

## **AS CANÇÕES**

As canções dos trabalhadores e camponeses exprimiam angústia e repulsa ao trabalho forçado, e denunciavam a ação dos colaboradores negros ao regime e as humilhações raciais constantes, que os colonos utilizavam para manter a subserviência e servilismo dos negros. Tratava-se de uma rejeição psicológica do colonizador e sua cultura.

"Ouro é contar sua história/ Te cantar  
rolar / Moçambique, Maputo Capital  
/ Liberdade, Curuzu / Ilê Aiyê, África  
Austral". JUKA MANEIRO/SANDOVAL/  
ROBERTO CRUZ.

Outras canções denunciavam o trabalho forçado, especialmente nos vários portos do país, e referiam-se às dificuldades de adaptação à vida nas minas, aos problemas das mulheres sozinhas devido aos homens terem sido deportados ou terem emigrado à procura de trabalho para sobreviverem. Um outro tipo de expressão de protesto, que manteve vivas as noções históricas culturais, foi a canção épica que recordou importantes figuras da resistência à conquista colonial no século passado. Por exemplo, uma canção cantada por estivadores em Lourenço Marques, nos anos 1950, referia-se a vários episódios da vida de Ngungunhane, que refletem a dominação política do reino de Gaza sobre outros chefes da região e o choque cultural entre o colonizado e o colonizador.

Uma outra canção invocativa de Ngungunhane, que foi introduzida nos cânticos da Igreja Etiópica Luso-Africana nos anos 1940, não só denunciava as atrocidades e barbaridades do colonialismo, como também cantava a angústia da população. Recordando um dos heróis da resistência anti-colonial, Ngungunhane, a canção apelava à revolta e à expulsão dos colonizadores. Esta ideia é expressa numa das passagens do hino que soa: “ficaremos a governar com catanas”. Discos gravados por moçambicanos na África do Sul veiculavam, também, protestos contra o colonialismo. Uma das primeiras canções moçambicanas a serem gravadas, na língua Tsonga, na década de 1930, foi de Daniel Marivati, que comentava o encerramento de algumas das escolas protestantes. No fim da década de 1940 e nos anos 1950, aumentou o número de gravações, em várias línguas moçambicanas, que criticavam, por exemplo, aspectos da vida dos migrantes, o trabalho forçado, os baixos salários, e o risco de ser deportado pra São Tomé.

## **A LITERATURA COMO ARMA**

“O nosso grito ecoou pelos cinco continentes / Coragem ao clamar por liberdade e igualdade / Sempre será meu avô a riqueza desta gente negra”.

Genilson Santtus e Valmir Brito.

Ao lado das canções, a literatura escrita foi se desenvolvendo, igualmente inspirada na experiência diária moçambicana. As circunstâncias e a atmosfera políticas do período estimularam o aparecimento de uma literatura marcada por uma rejeição da cultura colonial. Foram a poesia de Noémia de Sousa e de José Craveirinha que começaram a afirmação de uma africanidade próxima da negritude. Um tema que captou bem a atenção de ambos foi o sistema de trabalho migratório, cujas consequências sociais para os trabalhadores e suas famílias – particularmente, a brutalização a que estes eram submetidos – foram tratadas por Noémia de Sousa em “Magaiça” e por José Craveirinha em “Gado Mamparra Magaiza” e “Mamana Saquina”.

## **A CONTEMPORANEIDADE: PORTUGAL SE CURVA AO FUTEBOL DE MOÇAMBIQUE**

Em 1961, chegou a Lisboa o fantástico jogador moçambicano Eusébio, a Pantera Negra. Com ele e outros jogadores africanos, também de Moçambique, o Benfica dominou a Europa durante oito anos. Os africanos deram luz ao estádio do bairro lisboeta de Benfica e, com o seu futebol diferente, alegre e surpreendente, enriqueceram o nível do futebol europeu branco.

Também estavam portugueses e, devido à colonização, jogavam os moçambicanos Costa Pereira, Hilário, Coluna e Eusébio para o bem da magnífica seleção portuguesa, terceira do Mundial de 1966 na Inglaterra. Terceira, mas que bem merecia ganhar este Mundial. Quem teria ganhado, na verdade seria a África.

É sintomático observar que o melhor Benfica da História e a melhor seleção de Portugal tiveram que contar com a beleza, a elegância e a força do futebol moçambicano.

1995—2013

caderno de educação  
ilê aiyê  
projeto de extensão pedagógica

# Antologia da música e poesia

06



56

## **Eu atendo**

**(Rui Poeta – Irandi Vasconcelos – Miguel Lucena)**

Hei,  
Não é meu o nome  
Nem psiu meu apelido, não  
Irmão, eu sou o mais belos dos belos  
O tantalizante coral negro do povão  
A sensação  
Mas pode me chamar  
De negão  
Que sou eu Ilê  
Pode me chamar de negão  
Ilê Aiyê  
Pode me chamar de negão  
Venha pra ver  
Pode me chamar de negão  
São 31 anos  
De luta e conscientização  
Tocando a auto-estima  
Sou o tambor  
Desta grande nação  
A afirmação.  
Podes crer  
Sou a senzala  
Sou o Barro Preto

## **Samba canto e poesia**

**(Lucinha Ouro Preto)**

Juntei a nação Ilê Aiyê pra fazer festa  
Na senzala do Barro Preto quero dançar com você  
Pisa forte no chão amassa o massapê  
Negro canta, negro dança, negro samba no Ilê  
Criei meus meninos pretos  
Olhei por cima do ombro  
E vi a saia da negra rodar  
Quero ver o seu balanço  
Quero ver seu balançar  
Ô negra, ginga, ginga, ginga, ginga, ginga  
Dance e mostre o seu bailado  
Dance com graça, faça pirraça  
Mas não saia do meu lado  
Na madrugada o Ilê vai te levar  
Põe a cabeça no meu ombro  
Eu te canto uma canção de ninar  
Na madrugada o Ilê vai te levar  
Deixo você dormir quando o Ilê passar

## **Ilê é minha mania**

(Jamolliva – César Queiroz – Van Ray)

Ilê Aiyê

Ilê pérola negra da avenida

Razão do meu viver

Ilê é minha sina

É todo meu querer Curuzu

Paixão que me domina

É a mania do meu dia-dia

É tudo aquilo que eu quero ver

É o universo em plena sintonia

Com o Ilê Aiyê

É a mania do meu dia-dia

É tudo aquilo que eu quero ver

É o universo em plena sintonia

É o Ilê Aiyê

Me leva nesse passo desse toque que me ensina

E que me energiza em cada canto eu vou

Sou a beleza da mais linda poesia

Vem sentir meu amor

Me leva nesse passo, desse toque me ensina

E me energiza em cada canto que eu vou

Sou a beleza da mais linda poesia

Ilê Aiyê Salvador

## **Azeviche**

**(Guiguio – Marquinhos – Reni Veneno)**

Sou preto da cor de carvão  
É dai, e daí, meu suingue é gostoso  
É na palma da mão, sou negão  
Lá vem ele lá  
Lá vem ele  
Lá vem ele lá, seu neguinho  
Lá vem ele  
Quem vem de banda meu bem  
Na minha banda meu bem  
Vem de aruanda  
O Ilê é quem manda  
É três ponto zero  
Tração nas quatro  
O Ilê me chamou  
É três ponto zero  
Tração nas quatro  
Turbinado eu sou  
E não me pegue  
Não me estique  
Não me toque  
Larga eu aí, larga eu aí

# **Alienação**

**(Mario Pam e Sandro Teles)**

Se você está a fim de ofender  
É só chamá-lo de moreno pode crer  
É desrespeito a raça é alienação  
Aqui no Ilê Aiyê  
A preferência é ser chamado de negão  
Se você está a fim de ofender  
É só chamá-la de morena pode crer  
Você pode até achar que impressiona  
Aqui no Ilê Aiyê  
A preferência é ser chamada de negona  
A consciência é o motivo principal  
Eu quero muito mais  
Além de esporte e carnaval, natural  
Chega de eleger aqueles que tem  
Se o poder é muito bom  
Eu quero poder também  
O sistema tenta desconstruir  
Te afastar de suas origens  
Pra que você não possa interagir, construir  
Já passou da hora de acordar  
Assumir sua negritude  
É vital para prosperar  
Ser negro não é questão de pigmentação  
É resistência para ultrapassar a opressão, sem pressão  
Lutar sempre  
Igualdade e humildade  
Vou subir de Ilê Aiyê e encantar toda cidade



## **bibliografia**

- História de Moçambique – Moçambique no auge do Colonialismo, 1430-1961*, vol. 2. Coordenação de David Hedges – Liv. Universitária Maputo, 1999.
- Oliveira, Irene Dias de. *Identidade negada e o rosto desfigurado do povo africano: os Tsonga*. São Paulo: Annablume: Universidade Católica de Goiás, 2002.
- Honvana, Alcinda Manuel. *Espíritos vivos, tradições modernas. Possessão de espíritos e reintegração social pós-guerra no Sul de Moçambique*. Coleção identidades. Promedia. Ciedina. 2002.
- Serra, Carlos (Org). *Identidade, moçambicanidade, moçambicanização*. Livraria Universitária. Universidade Eduardo Mondlane, 1998.
- Siqueira, Maria de Lourdes. *A Ancestralidade africana reelaborada no Brasil*. In: ABONG. (Org.). *Racismo no Brasil*. São Paulo: Petrópolis, 2002.
- Siqueira, Maria de Lourdes. Avushen, Iyá-Mberê: *Cultura do Povo Tsonga na África do Sul*. Caderno de Resumos. II Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros. UFSCAR. São Carlos – São Paulo, 2002.
- Nascimento, Abdias. *O Quilombismo*. 2ª edição. Rio de Janeiro. O. R. Editor. Fundação Cultural Palmares, 2002.
- Periódico: A Ilha de Moçambique*. Outubro/1988. Boletim do Arquivo Histórico de Moçambique.

**Universidade Federal do Recôncavo da Bahia**  
**Reitora:** Georgina Gonçalves Dos Santos • **Vice-Reitor:** Fábio Josué Souza Dos Santos • **Pró-Reitor de Extensão e Cultura:** Danillo Silva Barata • **Coordenação de Cultura e Universidade:** Fabiana Comerlato • **Coordenação de Extensão Universitária:** Maria Da Conceição De Menezes Soglia

**Anjo Negro Selo Editorial**

**Editor:** Danillo Silva Barata • **Editora Executiva:** Iansã Negrão • **Coordenação:** Morgana Miranda • **Revisão:** Joana Rizerio • **Tratamento de Imagem:** Roberto Abreu • **Digitalização dos Textos:** Leandro Sales • **Projeto Gráfico:** Iansã Negrão/ Casa Grida • **Design:** Iansã Negrão, Morgana Miranda & Isabella Coretti • **Produção Executiva:** Robson Oliveira • **Restauração:** Morgana Miranda e Rex

**ISSN 2236-6784**  
**e-ISSN 2764-5878**

---

Permite-se a reprodução das informações publicadas, desde que sejam citadas as fontes

*créditos da edição original*

Projeto de Extensão Pedagógica  
Caderno de Educação do Ilê Aiyê  
**Vol. 13 – Moçambique Vutlari**

---

Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê

**Diretoria**

Hilda Dias dos Santos (Mãe Hilda)

**Presidente:** Antônio Carlos dos Santos Vovô

**Vice Presidente:** Aliomar de Jesus Almeida

Fernando Ferreira de Andrade Filho • Dário da Páscoa  
• Jonatas Conceição da Silva • Hildete Valdevina dos Santos Lima • Edson Tobias de Matos • Wilson Batista dos Santos • Osvalrízio do Espírito Santo • Edmilson Lopes das Neves • Roberto dos Santos Rodrigues • Paulo Raimundo Ferreira Bonfim (*in memorian*) • Arany Santana Neves Santos • Elizete Matos dos Santos • José Carlos dos Santos • Maria de Lourdes Siqueira • Vivaldo Benvindo dos Santos • Paulo Cezar da Costa Cerqueira • Oduvaldo de Jesus Santos (*in memorian*)

**Coordenação Pedagógica:** Jônatas Conceição da Silva  
**Pesquisa e Textos:** Maria de Lourdes Siqueira  
• Jônatas Conceição **Colaboração de pesquisa:** Jacimara Santana  
**Ilustrações:** a partir de motivos produzidos por J. Cunha para a fantasia do Ilê Aiyê em 2005  
**Educadores:** Ana Célia da Silva • Jaime Sodré • Durvalina Cerqueira • Edmilson da Mota • Jô Guimarães • Sandro Teles • Iara da Silva Magalhães • Hildelice Benta dos Santos • Eliete Matos dos Santos • Valdina Pinto • Jorge Conceição • Lindinalva Barbosa • Maria de Lourdes Siqueira • Isabelle Sanches • Licia Barbosa • Dete Lima • Jaguaracira Andrade Santos • Daniela Pereira Barbosa • Railda Barbosa Costa • Sueli Conceição  
**Produção:** Via Direta Comunicação  
**Participação especial:** Mário Pam  
**Editoração e Diagramação:** Helida Rocha  
**Impressão:** Vênture

End. Rua do Curuzu, 228, Liberdade • Salvador • Bahia



**PROEXC**

PROREITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA

**UF****B**

Universidade Federal do  
Recôncavo da Bahia

 **PALMARES**  
FUNDAÇÃO CULTURAL

MINISTÉRIO DA  
**CULTURA**

MINISTÉRIO DA  
**EDUCAÇÃO**

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO